



Vista aérea da Reserva São Marcos, vendo-se em primeiro plano o armazém onde os xavantes guardam sua colheita

Xavantes mostram a sua safra de arroz

ROSANE GARCIA

Com uma produção de arroz superior a 49 mil sacas de 60 quilos, em apenas 2.762 hectares de área plantada (lavoura mecanizada), sem contar as roças de "toco" (lavoura manual), destinada ao consumo das famílias, os Xavante provaram que é um engano pensar que índio vive somente de caça e de pesca, que não possui força de trabalho. Justificaram também porque sempre lutaram pela posse de suas terras. Não apenas para serem comparados aos grandes latifundiários de Mato Grosso do Sul, mas para produzirem e preservarem seus valores culturais e tradições.

Orgulhoso o líder Aniceto Tsudzawere, da Reserva São Marcos, fala da sua produção - a maior entre a Nação Xavante - que atingiu 16.628 sacas. "Em todo o Mato Grosso, nós índios fomos os que tivemos maior safra. Isso para provar que índio não é preguiçoso, como costumam dizer".

A dedicação à agricultura não significa uma quebra das tradições culturais dos povos indígenas. Antes por falta de meios adequados e pela ausência de tecnologia, o esforço não era percebido. Mas no momento em que a política indigenista se voltou para o aproveitamento da capacidade e da força de trabalho do índio, ele pôde provar do que era capaz. E provou este ano, com uma safra expressiva. A mais expressiva do estado de Mato Grosso, que tradicionalmente se destaca na atividade agropecuária.

"Toda a minha vida - diz Aniceto - fui crescendo na lavoura. Nós Xavante sempre plantamos o arroz, a mandioca, e o nosso milho que é diferente do milho do branco. Por muito tempo tivemos que lutar também pela preservação da nossa terra. Lutar para tirar os invasores e posseiros. Agora, com a terra demarcada, estamos mostrando que somos capazes".

Enquanto conhecíamos toda a Aldeia São Marcos, ou seja, parte dela pois a aldeia tem uma área de 188 mil hectares, Aniceto falava de seu sofrimento para alcançar a realização do projeto elaborado pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI). E o cumprimento leão de todas as etapas do projeto chegou mesmo a surpreender os técnicos do órgão tutor, que viram na época da colheita suas perspectivas serem superadas. Isso porque estimavam uma produtividade média de 21 sacas por hectare e os Xavante oscilaram entre 35 a 40 sacas.

Bem próximo ao centro da aldeia está armado um grande armazém da Cibrazem, construído em metal e lona, para a estocagem da produção. Após os cumprimentos aos visitantes, Aniceto logo se dirigiu ao local para mostrar que tudo era verdade. E lá dentro estavam as enormes pilhas de sacas de arroz.

Aniceto, juntamente com José (índio mais velho) explicavam que destinação deram à produção. Centenas de sacas foram comercializadas, outras distribuídas às famílias para subsistência - apontando os locais vagos no armazém e muitas que estavam ali destinavam-se ao plantio para a próxima safra. E como bom administrador, Aniceto também não se esqueceu de guardar um pouco para qualquer emergência. Ao apontar para uma grande pilha, esclareceu que aquele arroz ficaria guardado caso as famílias precisassem de uma complementação.

APELO

Ainda no interior do Armazém, Aniceto em pé sobre uma saca de arroz, fez um apelo aos representantes

na Funai do local - assessores Cláudio Romero (antropólogo), Odil Telles (comunicação social) e ao delegado José Carlos - para que intercedessem junto à presidência do órgão, a fim de que seja liberada a verba no valor de Cr\$ 15 milhões para que a comunidade Xavante possa dar prosseguimento ao projeto de desenvolvimento agrícola.

Conforme explicou Aniceto, o projeto já foi elaborado pelos técnicos da Funai. No entanto, a sua implantação está dependendo de recursos a serem liberados pelo Ministério do Interior. Enquanto isso não ocorre, os índios estão impossibilitados de abrir novas áreas para a ampliação da atividade agrícola. Os recursos que possuem são insuficientes para aquisição de combustível. "Sem combustível as máquinas não trabalham", diz ele.

SEDE DA ALDEIA

Numa visão aérea, a Aldeia São Marcos, com mais de 60 casas para abrigar uma população superior a 600 índios Xavante, entre homens, mulheres e crianças, tem uma disposição semelhante a forma de uma ferradura. Cada residência construída com madeira e palha da região, moram cerca de cinco a seis famílias. Os quartos são facilmente identificados. Para isso, os Xavantes usam grandes esteiras em semicírculo, por eles confeccionadas, como divisórias.

Além da moradia dos índios, há também um hospital pequeno com apenas oito leitos; escola para crianças e jovens e uma casa para abrigar religiosos salesianos que trabalham na aldeia. Todas essas construções são em alvenaria.

Com relação ao hospital, o líder Aniceto comentou a necessidade de sua ampliação. "Temos que aumentar o hospital, porque quando há epidemia de gripe e de desidratação, não temos onde colocar os nossos doentes".

Um aspecto comum na sede da aldeia, além do fato de todas as casas serem praticamente do mesmo tamanho, é que em todas está permanentemente acesa uma pequena fogueira próxima a coluna central de sustentação. Em todas elas as mulheres, sempre ocupadas, algumas fazendo a refeição, outras cuidando das crianças recém-nascidas. E ao contrário do ambiente externo, onde o calor é muito forte, no interior das casas a temperatura é a mais agradável possível.

Para os Xavantes de São Marcos, assim como ocorre nas demais aldeias, há também a área de lazer: um campo de futebol, que soma-se a outras opções que o local oferece, ou seja, a caça, a pesca, banhos nos córregos adjacentes.

Embora o maior objetivo fosse mostrar aos visitantes o resultado da safra deste ano, os Xavantes aproveitaram para dar uma demonstração de sua dança. Assim, enquanto percorriamos a sede da aldeia, um grupo formado por mais de 30 homens, estavam na margem esquerda do córrego Boqueirão, se preparando para dançar.

Velhos e jovens, todos pintados de vermelho (urucum), com seus cabelos amarrados para trás e ornados com fios de palhas dançaram no centro da aldeia o canto "nome das mulheres". Além de darem uma demonstração de harmonia, mostraram mais uma vez a força e a vitalidade característica de um povo que está empenhado em competir, em condições de igualdade, com a sociedade envolvente.

CEDI

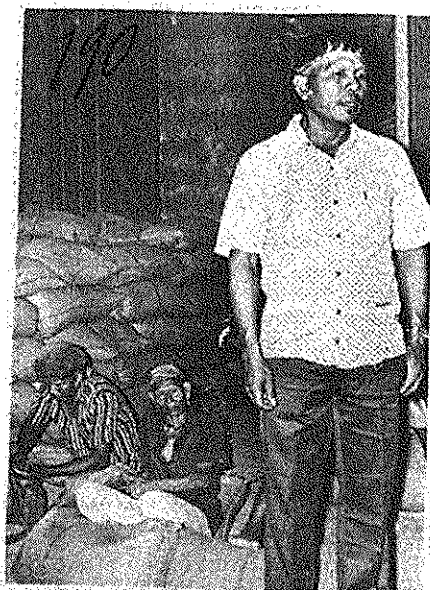
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Coleção Brasileira

Class.: 1583

Data: 21.06.82

Pg.: _____



Os índios estão orgulhosos
de sua produção

Índio mostra que também é produtor

É um engano pensar que índio vive somente de caça e pesca e que não possui força de trabalho. Isto foi demonstrado pelos xavantes, com uma produção de arroz superior a 49 mil sacas de 60 quilos, em apenas 2.762 hectares de área plantada (lavoura mecanizada), sem contar com a lavoura manual. A dedicação à agricultura não significa uma quebra das tradições culturais dos povos indígenas. O líder Aniceto Tsudzawere, da Reserva São Marcos, fala orgulhoso de sua produção — a maior entre a nação xavante — que atingiu 16.628 sacas: “Em todo Mato Grosso, nós índios fomos os que tivemos maior safra. Isso é para provar que índio não é preguiçoso como costumam dizer”. Eles estão orgulhosos com suas produções porque sempre lutaram pela posse da terra.

(Página 3)